

As quatro orfãs de Portugal ou o Va- lorda Honestidade

Na capital de Lisboa
Havia uma união
De quatro donzelas orfãs
Sem pai sem mãe sem irmão,
Servindo a môça mais velha
Como mãe de criação.

Vitalina era a mais velha
E muito religiosa
Viviam de costuras
Numa vida trabalhosa
Isabel, Francisca e Maria
Cada qual mais virtuosa

Vitalina adoceceu
Vendo que não escapava
Chamou logo as tres mocinhas
Que em seu poder criava
Para lhes dar um conselho
Que tanto necessitava

Disse ela : minhas filhas
Vocês vivam sem questão
Satisfeitas com a sorte
Trabalhando pelo pão
Não tendo peçam esmola
Mas não deixe esta união

No outro dia Vitalina
Estava no necroterio
Mas levou palma e capela
Para o chão do cemiterio
No simbolo da virgindade
Da moça que tem criterio.

As moças ficaram sós ;
Por causa do acanhamento
Ninguem lhes dava costuras
Para ganharem o sustento
Começaram a passar fome
Com pena e sofrimento.

Quando as moças não tinham
Mais nada para vender
Eram tres moças donzelas
Que não tinham o que comer
Sem lamentarem a sorte
Jejuavam sem querer.

Lutando assim pela vida
Com tanta difficuldede
Perseguidas pelos homens
Mas guardando a virgindade
Quem sofre com paciencia
Deus manda a felicidade.

A fome já era tanta,
Que as moças padeciam
Que botavam sal na agua
Por alimento bebiam
E os homens sem caridade
A elas não protegiam.

Maria uma das moças
Disse ainda não é assim
Se hei de morrer de fome
Aqui mesmo levar fim
Vou procurar pelo mundo,
Quem tome conta de mim.

As outras duas pediram
Maninha não vá embora
Vamos esperar mais tempo
Ninguém sae daqui agora
Até chegar o socorro
De Deus ou Nossa Senhora.

Maria disse: manas
Eu já estou resolvida
Vou ver se encontro um homem
Que me dê roupa e comida,
Hoje a noite eu vou embora
Que não sou esmorecida.

Maria arrumou a roupa
E deixou anoitecer
O pedido das irmãs
Em nada quiz atender
Se despediu com a noite
Dizendo: vou me vender.

A noite era muito escura
Porem a moça seguia
No oitão de uma igreja
Um vulto lhe aparecia
O vulto era um padre
Pegou na mão de Maria.

O padre disse: filhi nha
Esta hora onde váes
O que é que tú procuras?
Que daqui não passas mais
Volta, que tuas irmãs
Ficaram chorando atraz.

— Padre, porque sou pobre
Uma orfã desvalida,
Abandonei minhas manas
Para salvar minha vida,
E vou procurar um homem
Que me dê roupa e comida.

Porquanto a minha pobreza
Faz vergonha eu lhe contar
Todo dia em nossa casa
Não tem o que se almoçar
Ha tempos que eu não janto
E vou dormir sem ceiar.

O padre disse: filhinha
Tú precisas é caridade
Então me diz se conheces
Na alta sociedade
Qual é o homem solteiro
Mais rico desta cidade?

— Tem o coronel Paulino,
Que é um moço solteiro,
Negociante na praça
Capitalista e banqueiro,
O governo deve a ele
Grande soma de dinheiro.

O padre tirou um lapis
 Num papel pôz-se a escrever,
 Dirigindo um bilhetinho
 De acordo o seu saber
 Para o coronel Paulino
 Esta questão resolver.

O padre disse filhinha
 Volte e vá descansar
 Por hoje lhe passa a fome
 Não precisa mais ceiar
 Porque a sua pobreza
 Agora vai se acabar.

Quando o dia amanhecer
 Vá o bilhete entregar
 Ao coronel Paulino
 A quem eu mando levar
 Espere pela resposta
 Que ele tem que lhe dar.

A moça voltou a casa
 Conforme o padre dizia
 As irmãs abriram a porta
 Disseram: entra Maria
 Se abraçaram todas tres
 Chorando de alegria.

Quando o dia amanheceu
 Maria no mesmo tino
 Foi levar o bilhetinho
 Ao coronel Paulino
 Para saber da resposta
 Qual será o seu destino.

No armazem do Paulino
Estavam negociando
Uma secção dos mais ricos
Sobre negocios tratando
E viram aquela mocinha
Que vinha se aproximando.

Os homens se combinavam
Cada qual o mais ladino
Maria interrogou os
Com seu termo feminino:
Quem é aqui dos senhores
O grande coronel Paulino

O coronel levantou-se
Chegou-se para Maria,
Disse: sou eu seu criado.
Enquanto a moça dizia:
Trago este bilhetinho
Para vossa senhoria.

O bilhete explicava:
Honradissimo coronel
Dê a esta mocinha
O valor deste papel
Porem pese-o na balança
Até chegar no fiel.

O coronel inda riu-se
Dizendo: ora muito bem,
Isto não é precizão
Que se ocupe ninguem
O peso deste papel
Só pesa igual um vintem.

Paulino
Paulino
Paulino

O coronel pesou o bilhete
Poz na balança um tostão
Mas foi botando dinheiro
Como quem pesa algodão
A concha do bilheteinho
Só pesava para o chão.

O coronel botou todo
O ouro que possuía
Botou dinheiro em papel
Que a balança não cabia
A concha do bilheteinho
Mais pesada, não subia.

Ele arredou o dinheiro
E pesou-se com o papel
A concha do bilheteinho
Subiu e mostrou o fiel
Era a honra da donzela
Que valia o coronel.

O coronel disse: moça
Você é misteriosa
Qual é sua oração,
Na vida religiosa?
Este bilhete foi feito
Por uma mão poderosa.

— Coronel, a minha mãe
De criação me ensinava
Que S. Antonio é meu padrinho
E a ele me entregava
Eu tomava abençoação ao santo
A noite quando resava.

— Então a senhora diga-me
Quem fez este bilheteinho
Se foi feito em sua casa
Pela mão de algum visinho,
Ou então se é milagre
Que nasce de seu padrinho

• Coronel, eu esta noite
De casa havia saído
No oitão de uma igreja
Um padre desconhecido
Mandou-lhe este bilheteinho
Conforme vem dirigido

O coronel baixou a vista
E disse quando pensou
Então o bilhete foi
Santo Antonio quem mandou
P'ra senhora casar comigo
Como o santo me apontou

— A senhora é uma moçoinha
Que vive em grande Pobreza
Mas sua honra pescou
Mais que a minha riqueza
No dia que nós casarmos
Somos iguais por natureza.

Desde ahí o coronel
Tomou conta de Maria
Convitou os seus amigos
Casou-se no outro dia
Mandou ver as duas orfãs
Para sua companhia. — Fim



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).